

Ipê-roxo

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ipê-roxo



Ipê-roxo florido

Classificação científica

Reino: Plantae
Divisão: Magnoliophyta
Classe: Magnoliopsida
Ordem: Lamiales
Família: Bignoniaceae
Gênero: *Tabebuia*
Espécie: *T. avellanedae*

Nome binomial

Tabebuia avellanedae
Lorentz & Griseb.

Árvore de porte médio, o **ipê-roxo** no período do outono, se enche de flores, para se reproduzir.

É o primeiro dos ipês a florir no ano, inicia a floração em Junho, e pode durar até Agosto, conforme a árvore.

Tem vários nomes populares como Ipê-roxo-da-mata, Ipê-una ou Pau D'arco, entre outros. Esta espécie se confunde bastante com outras também de flor roxa, como a *Tabebuia avellanedae* e a *Tabebuia heptaphylla*, sendo considerado por alguns autores que a *T. avellanedae* e a *T. impetiginosa* seriam a mesma espécie.

São muito utilizadas no paisagismo urbano, por sua beleza e desenvolvimento rápido.

Outros nomes vulgares: caboré, guaraíba, ipê (RJ,SC), ipê-de-flor-roxa, ipê-piranga, ipê-preto (RJ,RS), ipê-rosa (MG), ipê-roxo-anão (SP), ipê-uva, pau-d'arco (BA), pau-d'arco-rosa (BA), pau-d'arco-roxo (BA, MG) peúva (MS) e piúva (MS, MT). Na Argentina, lapacho e no Paraguai, lapacho negro. A maioria das espécies são encontradas no sudoeste paraense, na área do município Altamirense, e na maior floresta de ipês do Brasil, a floresta do Macapichi.

Características gerais

Madeira muito pesada, impermeável, resistente ao ataque de organismos xilófagos e muito dura ao corte, cerne pardo acastanhado ou pardo-alva-claro, geralmente uniforme, às vezes com reflexos esverdeados, textura fina a média, uniforme, grã direita ou revessa, superfície pouco lustrosa e medianamente lisa ao tato; cheiro e gosto imperceptíveis. Sua madeira apresenta grande durabilidade, sendo muito utilizada na construção civil.

É uma espécie largamente empregada no paisagismo em geral, pela beleza de suas inflorescências arroxeadas que surgem nos meses de julho a setembro. É uma espécie ameaçada de extinção devido à intensa procura por sua casca, que é considerada pela medicina popular como anticancerígena, anti-reumática e antianêmica. Há vários tipos de ipê, que podem ser diferenciados pela folhas.

Usos

A madeira do ipê-roxo, por ser muito pesada e de propriedades mecânicas altas, pode ser usada para acabamentos internos; artigos de

esportes, como bolas de bocha e boliche, cabos de ferramentas e implementos agrícolas, construções externas, como estruturas, dormentes, cruzetas, esquadrias, lambris, peças torneadas, tacos e tábuas para assoalhos, vagões, carrocerias e instrumentos musicais, degraus de escada, arcos e flechas etc.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ip%C3%AA-roxo>



Ipê-Roxo¹

Tabebuia heptaphylla

Tabebuia heptaphylla, popularmente conhecida como ipê-roxo, é uma das espécies que vêm sendo estudadas por ser de alto valor econômico, considerando-se as finalidades de sua madeira e extrativos foliares, e pela diminuição preocupante do número de indivíduos que ainda são encontrados em áreas de ocorrência natural (ETTORI, 1996).

¹ Texto produzido pela Acadêmica Giovana Beatriz Theodoro Marto. Supervisão e orientação do Prof. Luiz Ernesto George Barrichelo e do Eng. Paulo Henrique Müller.

Taxonomia

Família: Bignoniaceae

Espécie: *Tabebuia heptaphylla* (Vellozo) Toledo

Sinonímia botânica: *Tabebuia avellanedae* var *paulensis* Toledo

Tabebuia ipê Martius ex. K. Schumann Standley

Tecoma heptaphylla (Vellozo) Toledo

Tecoma ipe Martius ex K. Schumann

Outros nomes (vulgares): cabroé, graraíba, ipê (RJ,SC), ipê-de-flor-roxa, ipê-piranga, ipê-preto (RJ,RS), ipê-rosa (MG), ipê-roxo-anão (SP), ipê-uva, pau-d'arco (BA), pau-d'arco-rosa (BA), pau-d'arco-roxo (BA,MG) peúva (MS) e piuva (MS,MT). Na Argentina, lapacho e no Paraguai, lapacho negro.

Aspectos Ecológicos

O ipê-roxo é uma espécie secundária tardia, passando a clímax (LONGHI, 1995), tolerando a sombra no estágio juvenil. Devido ao seu porte, faz parte do extrato superior da floresta, possuindo alta longevidade.



É comum na vegetação secundária, abrangendo capoeiras e capoeirões, possuindo como habitat: Floresta Estacional Semidecidul e Decidual Floresta Ombrófila Densa e Mista, Chaco Sul-Matogrossense e Pantanal Matogrossense.

É uma árvore característica da Mata Latifoliada do Alto Uruguai, onde apresenta distribuição irregular e descontínua, sendo pouco freqüente, ocorrendo de preferência nas depressões dos terrenos e em solos rochosos. Rara nas florestas da Bacia do Ibicuí e na Fralda da Serra Geral, chegando até a Bacia do Rio dos Sinos. Não ocorre no Planalto e no Escudo Rio-Grandense (LONGHI, 1995).

Encontra-se exemplares de *Tabebuia heptaphylla* desde em florestas secundárias e primárias a bordas de clareiras e clareiras pequenas.

Informações Botânicas

Morfologia

Árvore de até 30 m de altura, podendo atingir 90 cm de diâmetro.

Os ramos dicotômicos, tortuosos e grossos formam uma copa moderadamente ampla e globosa. O tronco, mais ou menos reto e cilíndrico, possui casca pouco espessa e escura,



fissurada longitudinalmente e descorticante em placas grandes. A casca apresenta coloração pardo-cinzenta.

As raízes são vigorosas e profundas.

As folhas, de coloração verde-escura, são opostas, decíduas, compostas, digitadas, longamente pecioladas e com os bordos serrilhados. Cada folha é composta por 5 a 7 folíolos, glabros, com ápice agudo.

A flor, roxo-violácea, é pouco pilosa. São muito abundantes, nascendo nos ramos ainda sem folhas, com lenho adulto. O cálice é pequeno, campanulado e a corola campanulada-afunilada.

O fruto, seco e deiscente, é linear ou sinuoso, estriado, muito longo, podendo atingir até mais de 50 cm, de coloração preta. As cápsulas são bivalvares do tipo síliqua, semelhante a uma vagem estreita e comprida, atenuada pra dentro.

As sementes aparecem em grande quantidade e são grandes e aladas. Medem de 2,5 a 3 cm de comprimento e cerca de 6 a 7 mm de largura. São acastanhadas e membranáceas mais ou menos brilhantes. (LONGHI, 1995).

Reprodução

No período que antecede a floração, as folhas caem e surgem no ápice dos ramos magníficas panículas com numerosas flores tubulosas, de coloração rósea ou roxa, perfumadas e atrativas para abelhas e pássaros.



A floração ocorre de junho a setembro e os frutos amadurecem de

julho a novembro, sendo que em plantio a frutificação inicia entre 5 e 7 anos.

Ocorrência Natural

Ocorre naturalmente no sul e oeste da Bahia, no Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo e no nordeste da Argentina, sul da Bolívia, leste do Paraguai e Uruguai (CARVALHO, 1994). Compreende a latitude de 13°S (BA) a 30°S (RS).

Segundo RIZZINI (1971), a espécie ocorre da Bahia à Guanabara, sobre a Serra do mar.

Clima

Tabebuia heptaphylla, abrange, de acordo com a classificação de Köppen, os seguintes tipos climáticos: Clima tropical úmido e subúmido, Clima tropical, com inverno seco, Clima subtropical de inverno seco e Clima subtropical, com verão quente.

O ipê-roxo ocorre em locais com regime pluviométrico uniforme, porém aceita um déficit hídrico moderado. A precipitação pode variar de 1000 mm a 1900 mm.

Quanto à temperatura, abrange variação média anual de 18° C a 26° C

Solo

A espécie ocorre em solos como os Argissolos, com altitudes até 400 metros; em Cambissolos, entre 400 e 800 metros e em Latossolos, em altitudes que podem variar entre 800 m a 1500 m.

De acordo com CARVALHO (1994), o ipê-roxo tem apresentado um melhor crescimento em solos com fertilidade química média a elevada, profundos, com boa drenagem e de textura franca a argilosa.

Pragas e Doenças

A madeira é resistente ao ataque de insetos e ao apodrecimento.

A Madeira

Segundo JANKOWSKY et al. (1990) as madeiras do gênero *Tabebuia* spp são muito pesadas e duras, possuindo alta resistência mecânica e baixa retrabilidade volumétrica. A secagem destas madeiras ao ar é de média a rápida, e apresenta pequenos problemas de



rachaduras e empenamentos, no entanto, a secagem artificial pode agravar a incidência de defeitos. Estas características as tornam moderadamente difícil de trabalhar, principalmente com ferramentas manuais, que perdem rapidamente a afiação.

A densidade da madeira é da ordem de 1070 kg/m³ de madeira seca, possuindo coloração escura e alborno claro (PAULA&ALVES,1997). A superfície é pouco brilhante, lisa e de aspecto oleoso. É considerada “madeira de lei”.

Usos da Madeira

PAULA & ALVES (1997) sugerem o uso da madeira de ipê-roxo para dormentes, tacos, portais, postes, eixos de roda, na construção civil como vigas, por exemplo, e na construção naval como quilhas de navio. Segundo JANKOWSKY et al. (1990), a madeira do gênero *Tabebuia* pode ser usada para mobiliário, batentes, instrumentos musicais, degraus de escada, bolas de boliche entre outros.

Produtos Não-Madeireiros

Da casca, são extraídos os ácidos tânicos e lapáchico, sais alcalinos e corante que é usado para tingir algodão e seda.

O ipê-roxo é muito usado em medicina popular. Da entrecasca faz-se um chá que é usado no tratamento de gripes e depurativo do sangue. As folhas são utilizadas contra úlceras sifilíticas e blenorrágicas. A espécie também tem propriedades anticancerígenas, anti-reumáticas e antianêmicas (CARVALHO, 2003). A casca da espécie está entre os produtos amazônicos, com reconhecido poder medicinal, mais procurados.

Segundo Bragança (1996), citado por NETO & MORAIS (2003), o ipê-roxo também é usado como recurso medicinal no estado do Mato Grosso para tratamento de diabetes mellitus.

Outros Usos

A espécie é bastante ornamental pela coloração de rosa e lilás intenso, sendo muito utilizada em praças, jardins públicos e na arborização de ruas, avenidas, estradas e alamedas e também em recomposição de mata ciliar. Em reflorestamentos é utilizada na reposição de mata ciliar para locais sem inundações (CARVALHO, 2003).

Apesar de ser indicada para arborização urbana, esta árvore não é recomendada para o uso em calçadas estreitas (< 2,5 m), em locais com fiação aérea e ausência de recuo predial, isto porque a espécie atinge, na fase adulta, de 5 a 8 metros de altura com o raio da copa variando em torno de 04 a 05 metros.

MOREIRA & SOUZA (1987), indicam o ipê-roxo para a recomposição de matas ciliares para região Sul e Sudeste do país, pois é uma espécie que costuma povoar as beiras dos rios.

Crescimento e Produção

O ipê-roxo apresenta crescimento lento a moderado. Em plantio, a produção volumétrica máxima obtida foi de 6,60 m³/ha/ano. Utilizando espaçamento 4 x 4 m, a porcentagem de plantas vivas foi de 85,38% (CARVALHO, 2003). Possuem crescimento moderado (COELBA, 2002), porém quando comparado com as espécies florestais nativas, os ipês têm

desenvolvimento relativamente rápido, prestando-se muito bem a florstamentos e reflorestamentos industriais (LONGHI, 1995).

Em seus estudos, PAIVA & POGGIANI (2000) também afirmam que o ipê-roxo, assim como o jatobá, apresentaram um crescimento intermediário.

Aspectos Silviculturais

Apresenta crescimento irregular, com dominância apical não definida e bifurcações a várias alturas e próximas entre si. Após o corte, apresenta brotação e possui desrama natural deficiente, necessitando de podas freqüentes de condução e dos galhos para aumentar sua altura comercial. O ipê-roxo pode ser plantado: a) a pleno sol em plantio puro, com comportamento satisfatório quando plantado em solos férteis, porém com forma inadequada , b) em plantio misto, associado com espécies pioneiras e secundárias, visando melhoria na forma do fuste e c) em vegetação matricial arbórea, em faixas na vegetação secundária e plantado em linhas (CARVALHO, 2003).

Produção de Mudanças

Para aproveitamento de sementes, os frutos devem ser coletados diretamente da árvore quando mudam da cor verde para quase preta, antes da dispersão das sementes (CARVALHO, 1994).

As sementes devem ser postas pra germinar logo que colhidas, em canteiros ou embalagens individuais contendo solo argiloso rico em matéria orgânica. Cobrir apenas levemente as sementes com substrato peneirado, mantendo-as em ambiente semi-sombreado. A emergência ocorre em 10-12 dias e o desenvolvimento das mudas é rápido, ficando prontas para o plantio no local definitivo em menos de 4 meses. O desenvolvimento das plantas no campo é apenas moderado, alcançando aproximadamente 3 metros em 2 anos (LORENZI, 1992).

Sementes

Produz sementes cuja viabilidade varia de 3 a 15 meses (HIGA & VIANA) em câmaras frias/seca, com redução drásticas da viabilidade na câmara fria e ambiente de laboratório.

As sementes de ipê-roxo são ortodoxas e possuem taxa de germinação de 60%. Para cada quilo obtém-se de 13.500 a 35.00 sementes.

KANO; MÁRQUEZ & KAGEYAMA (1978) identificaram uma pequena influência da condição de câmara seca sobre a conservação das sementes de ipê-roxo. A umidade crítica, segundo os autores, poderá se situar em torno de 10% a 11%, em função do ambiente e do período de duração do armazenamento.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, P.E.R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro nacional de Pesquisa de Florestas – EMBRAPA – CNPF. Colombo – PR, 1992.

CARVALHO, P.E.R. Espécies arbóreas brasileiras. Colombo: Embrapa Florestas, 2003. V.1

CAVALCANTE, C. Ciência comprova poder de cura do ipê-roxo. Folha do Paraná, Curitiba, 18 mar. 2001, p5.

COELBA – Guia de Arborização Urbana – diretoria de Gestão de Ativos – Departamento de Planejamentos dos Investimentos – Unidade de Meio Ambiente, 2002, 56 p.

ETTORI, L.C.; SIQUEIRA, A.C.M.F.; SATO, A.S.; CAMPOS, O.R. Variabilidade genética em populações de Ipê-roxo – *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Tol. – para conservação ex situ. Revista do Instituto Florestal, v.8, n.1, p.61-70, jul.1996

HIGA, T.C.; VIANA, A.M. Criopreservação de sementes zigóticas de *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) (Tol) Bignoniaceae Florianópolis, SC Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/evento/museugoeldi/resumoshtm/resumos/R0557-2.htm>

INFORMATIVO CEPEA – SETOR FLORESTAL UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ” Agosto, 2005 No44

JANKOWSKY, I.P.; CHIMELO, J.P.; CAVALCANTE, A.A.; GALINA, I.C.M.; NAGAMURA, J.C.S. Madeiras Brasileiras Caxias do Sul: SPECTRUM, 1990. V.1.

LOBELLO, M. Árvores no Brasil. São Paulo: Prêmio, 1992, v.2

LONGHI,R.A. Livro das árvores; árvores e arvoretas do Sul. 2.ed., Porto Alegre: L&PM, 1995, 176p.

LORENZI,H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Plantarum, 1992, 382p.

KAGEYAMA,P.Y.;MÁRQUESZ,F.C.M. Comportamento das sementes de espécies de curta longevidade armazenadas com diferentes teores de umidade inicial: gênero *Tabebuia*. Circular Técnica, n. 126, p.1-4, jan.1981.

KANO,N.K.;MÁRQUEZ,F.C.M.;KAGEYAMA,P.Y. 1978 Armazenamento de sementes de ipê-dourado. IPEF, n.17, p.13-23, 1978.

MOREIRA,T.;SOUZA,E. D. Mata ciliar: vamos abrir os olhos? Revista globo Rural. São Paulo, v.2, n.20,p.96-102, 1987.

NETO,G.G.;MORAIS,R.G. Recursos Medicinais de Espécies do Cerrado de Mato Grosso: Um estudo bibliográfico Acta Botânica Brasileira. 17(4): 561-584.

PAIVA,A.V.;POGGIANI,F. Crescimento de mudas de espécies arbóreas nativas plantadas no sub-bosque de um fragmento florestal. Cientista Florestalis, n.57, p.141-51,jun.200.

PAULA,J.E.;ALVES,J.LH. Madeiras nativas: anatomia, dendrologia, dendrometria, produção, uso. Brasília; Fundação Mokiti Okada, 1997. 541p.

RIZZINI,C.T. Árvores e Madeiras úteis do Brasil. Manual de Dendrologia Brasileira. São Paulo: Editora Edgard Gomide Blucher. 1971.

SILVA,A.;FIGLIOLIA,M.B.;AGUIAR,I.B.;PERECIN,D. Liofilização e armazenamento de sementes de ipê-rosa (*Tabebuia heptaphylla*) Bignoniaceae. Separata de Revista Brasileira de Sementes, v.23, n.1, p.252-9, 2001.

Sites consultados

<http://www.fazfacil.com.br/JardimArvores.htm>

http://www.sementessul.usfc.br/novo/secao_especies/detalhe_especie.asp?esp_id=196

<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./urbano/index.html&conteudo=./urbano/arborizacao.html>

IPÊ ROXO

É o primeiro dos Ipês a florir no ano, inicia a floração em Junho, e pode durar até Agosto, conforme a árvore.

Esta espécie se confunde bastante com outras também de flor roxa, como a *Tabebuia impetiginosa* e a *Tabebuia heptaphylla*, sendo considerado por alguns autores que a *Tabebuia avellanae* e a *Tabebuia impetiginosa* seriam a mesma espécie.

São muito utilizadas no paisagismo urbano, por sua beleza e desenvolvimento rápido.



Ipê roxo

(O “verdadeiro” ipê roxo e não o Rosa)

E eu que achava que conhecia um ipê roxo?

Para mim este era fato inquestionável. Mas ontem eu descobri que Não. Eu conhecia o ipê amarelo, o ipê branco e o rosa, este em mais de uma nuance. Destes, o de flores com tom mais escuro, eu achava que era o chamado ipê roxo. Não que eu não soubesse como é o roxo. Sei, sim. Sei até como se mistura as cores para se obter os diferentes tons. Mas entre o que eu não sabia e o que eu achava que sabia, vai uma grande distância. Eu achava que o ipê de flores rosa-escuro era o ipê roxo de flores roxas, assim, simplesmente. Como eu nunca tinha visto um, achava que o assim denominado era um dos que eu conhecia, que por mais estranho me parecesse, era chamado ipê roxo quando na verdade tinha flores rosa-escuro.

Isto até ontem.

Pela janela do carro, vi uma árvore de flores roxas. Perguntei o nome.

Era o dito cujo: Um ipê roxo.

Espanto. Espanto pelo fato de não descobrir que eu não conhecia, de fato, antes, o ipê roxo.

Roxo na máxima expressão da palavra. Na máxima expressão da cor. Roxo denso, escuro. Espanto puro.

Nisto já tínhamos passado. E aquele exemplar, causador do meu mais profundo pasmo, tinha umas poucas flores, esparsas. Apenas o suficiente para que eu não tivesse mais dúvidas de que existe um ipê roxo cujas flores são de um roxo vivo, puríssimo. Real.

Sem sombra de dúvidas, roxo.

É claro que pedi: Gigante, por favor o primeiro ipê roxo que aparecer eu quero fotografar.

E assim foi. No primeiro grito de Ipê roxo à vista! ele parou o carro para que eu fotografasse.

O lugar não privilegiava uma foto com todas as honrarias, onde o ipê roxo se sobressaísse na paisagem, majestoso. Mas a foto foi feita assim mesmo...



Fonte: <http://iliquido.blogg.de/eintrag.php?id=339>

Mais características do ipê roxo



Uso medicinal

Ipê-Roxo é tido como um poderoso auxiliar no combate a determinados tipos de tumores cancerígenos.

É usado também como analgésico e como auxiliar no tratamento de doenças estomacais e da pele.

No passado, foi largamente utilizado no tratamento da sífilis. A árvore do Ipê-roxo é alta e tem como característica as flores tubulares arroxeadas.

Os estudos ainda não comprovaram suas propriedades anticancerígenas.

A substância com propriedades terapêuticas é encontrada na casca. A extração predatória, realizada durante anos, quase levou a espécie à extinção.

Características gerais



A história científica desta "árvore buquê", *Tabebuia avellanedae* Lorentz & Griseb Goett, começa na Argentina em 1847 com a publicação do livro "La Vegetacion del Noroeste de la Provincia de Entre Rios". A árvore é da família das Bignoniaceas, alta, decidual, comumente de 25-30 metros de altura e 60-80cm de diâmetro na altura do peito. O tronco é mais ou menos reto cilíndrico porém, com freqüência é levemente tortuoso; o fuste é longo de 15 ou mais metros de altura; casca externa grossa de cor grisácea parda, escura ou quase negra, com fissuras longitudinais finas, profundas e espaçadas. Sua inflorescência singular com tirso multi-floral nascendo em ramos afilos com lenho adulto, desamente tomentoso de cor rosa arroxeadada, densamente pubescente formando nos galhos bolas de flores, as vezes muito próximas, o que levou os botânicos que a descreveram a chamá-la pela primeira vez de "árvore buquê". Por causa da cor e da forma de suas flores a árvore é também popularmente conhecida como: Ipê de flor roxa, Ipê preto, Ipê uva, Piúva. O sucesso da primeira expedição, levou o governo da jovem República Argentina a fazer outras viagens as províncias de Santa Fé, Corrientes e Entre Rios. Em homenagem ao presidente, Jorge Avellaneda, que governava o país na época, (1846-1852), os botânicos a registraram com o nome de avellanedae. Nas expedições, a presença de diversos ipês, de flores roxa ou amarela, os "Lapachos", como são chamados em espanhol, chamavam a atenção dos botânicos pela beleza da florada e pela dureza do lenho.

No Brasil da segunda metade do século passado o médico botânico Von Martius já relata o uso do Ipê contra a sarna, no Piauí e em seu livro "Systema de Matéria Médica Vegetal Brasileira", sugere o nome de Tecoma imperdiginosa. No entanto os botânicos reunidos no Primeiro Congresso Botânico Internacional (1910), convencionaram chamá-la de Tabebuia imperdiginosa. Martius afirma em seu livro que a casca da árvore é adstringente, mucilagínosa e tem sabor amargo. "Usa-se o cozimento em lavagens, banhos e injeções contra as empingens, inflamações artríticas por debilidade, leucorréia e catarro da uretra".

Outro ipê mencionado por Martius como medicinal na mesma obra é o Tecoma ipê, que no mesmo congresso botânico da anterior ficou com a denominação oficial de Tabebuia avellanedae, Lorz. & Griseb. Martius comenta em sua obra sobre o uso medicinal deste segundo ipê: "Dá-se o cozimento adstringente da casca, que também abunda em mucilagem, em gargarismos contra as úlceras sifilíticas da garganta, e em fomentações, contra as empingens. O uso das folhas é o mesmo que o da casca, mas é mais brando, e é útil na blenorragia dos olhos; unta-se o suco espremido de fresco em casos de espasmo das pálpebras".

Apesar de já ser muito utilizada por médicos e farmacêuticos no Brasil, o Ipê, Tabebuia avellanedae, Lorz & Griseb alcança os meios científicos mais avançados da época através de um trabalho apresentado pela República Argentina na Exposição de Filadélfia, em 1876. No trabalho apresentado pelo governo argentino, no capítulo XV, página 272, estava a apresentação de um corante vegetal descoberto pelo fitoquímico argentino Max Siewert. Escreve Siewert sobre sua descoberta: "Um novo extrato ácido de uma árvore da família Bignoniaceae, da espécie Tabebuia, chamada vulgarmente de Lapacho.

A este ácido denominei ácido lapacico." No momento da exposição, o fitoquímico argentino achava que este ácido era um glicosídeo e que adicionado ao ácido sulfúrico formava o ácido lapacônico. Até o ano de 1876 nada sabiam os fitoquímicos europeus sobre este ácido, afinal não havia sido publicado qualquer trabalho a respeito desta planta na Europa, o que causou curiosidade e interesse em fitoquímicos dos mais diversos países do velho mundo.



Certa vez uma paciente terminal com câncer de útero sonhou que um monge lhe apareceu, e disse para ela procurar o remédio para a sua doença em uma árvore chamada Pau d'arco. A paciente assustada, mas recordando do sonho, contou a um parente que trabalhava pesquisando plantas medicinais. O parente, fitoquímico, resolveu seguir o sonho, e procurar o remédio no cerne do Pau d'arco. Estamos em 1956 e os Anais da Sociedade de Biologia de Pernambuco publica as primeiras observações sobre a ação antimicrobiana do lapachol. No Instituto de Antibióticos da Universidade do Recife os pesquisadores Oswaldo Gonçalves de Lima, Ivan Leôncio d'Albuquerque, Marisa Pinheiro Machado, Evans Silva e Gerson Pereira Pinto escrevem: "No curso de nossas pesquisas no campo dos antimicrobianos de plantas superiores, foi constatado que extratos etanólicos e acetônicos de amostras da madeira de construção denominada Pau d'arco (*Tabebuia* spp) apresentam forte ação inibidora contra gram-positivos (*Bacillus subtilis* e *M. pyogenes* v. *aureus*). Posteriormente verificou-se que as soluções obtidas oferecem, por concentração, abundante messe de substância cristalizada de cor amarela ouro, identificada, em seguida, como lapachol [2- hidróxi-3-(3-metil-2-butenil)-1,4-naftoquinona], composto cuja descoberta e estudo, nos fins do século passado, representa um dos capítulos mais brilhantes da história da fitoquímica".

Escreve a revista *O Cruzeiro* em outubro de 1967: "Está cientificamente comprovado que o lapachol, substância abundantemente encontrada no ipê e isolada pelo professor Oswaldo Gonçalves de Lima, tem ação anti-câncer já em fase de experimentação pré-clínica nos Estados Unidos, conforme comunicação oficial do Dr. Jonatham Hartwell, pesquisador norte-americano, assistente extraordinário do National Cancer Institute, órgão do governo dos EUA". No corpo da matéria Dr. Oswaldo, reclama que a imprensa está distorcendo as suas declarações e explica: "Fui convocado pela Comissão da Câmara, por indicação do deputado Breno da Silveira, para uma exposição dos trabalhos que vimos fazendo sobre antibióticos e câncer. O meu maior cuidado foi em relação ao ipê. Há muito venho trabalhando em substâncias antimicrobiana, sobretudo em relação ao Lapachol e derivados, encontrados abundantemente no Ipê. Cheguei a descobrir que a planta, sob a forma de extrato, apresenta ação antimicrobiana,

sendo o Lapachol a substância que mais fortemente apresenta esta forma de reação. Afirmei na exposição que os nossos estudos em relação à atividade anti-câncer dos extratos da parte do líber (entrecasca) e do cerne (casca) do ipê revelaram resultados inconclusivos, isto é, inibições em tumores experimentais, resultados inconstantes e marginais, resultados estes que não podem ser cientificamente divulgados". O Dr. Jonathan Hartwell por outro lado, fez uma afirmação de que ele, havendo pesquisado com espécies de Bignoniaceae, do gênero *Tabebuia* (é o gênero dos ipês), descobriu que os seus extratos tinham ação anti-câncer em animais experimentais e que, ademais, havia isolado da planta uma substância ativa anti-câncer, o Lapachol.

O Laboratório Estatal de Pernambuco (Lafepe) advertiu em fevereiro de 2004, por meio de notificação extrajudicial, a empresa Roberg Alimentos e Medicamentos da Natureza, sediada em Votorantim (São Paulo), por uso indevido da marca Lapachol, que pertence à instituição pernambucana desde 1978. Desde então, o Lafepe vem renovando o registro de marca, cuja última concessão foi dada em 9 de setembro de 2003, com prazo de validade de 10 anos. O Lapachol é o nome de marca do princípio ativo naftoquinona, um produto extraído do ipê roxo, com reconhecida ação antiinflamatória, analgésica, antibiótica e antineoplásica (ataca qualquer tumor, benigno ou maligno). O produto é distribuído também nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Em 1969, o laboratório passou a produzir e comercializar Lapachol, como auxiliar no tratamento do câncer. Atualmente, a estatal pernambucana tem acordo com o Hospital Sírio Libanês, de São Paulo, na pesquisa de ensaios clínicos em seres humanos em tratamento de câncer, primordialmente o câncer de próstata.

Fundado em 1967, o Lafepe desenvolveu e comercializou nove produtos nos últimos três anos e tem duas patentes registradas. O Lafepe teve mais de R\$ 100 milhões de faturamento bruto em 2003, tendo dispendido 0,09% desse total em P&D. Com 695 empregados, há 16 deles alocados na área de P&D, que conta com uma coordenadoria específica, encarregada da execução da pesquisa científica dentro da indústria farmacêutica e do desenvolvimento de novos medicamentos de diferentes classes farmacológicas, incluindo ativos consagrados e aqueles ainda em estudos iniciais, como a maioria dos fitofármacos.

O botânico Theodoro Meyer, da Universidade de Tucuman, da Argentina, conseguiu isolar importantes componentes do ipê-roxo, como a quinona, cujo efeito germicida pôde ser comprovado. A quinona possui uma estrutura semelhante a da vitamina K6, que detém efeito adstringente que auxilia o metabolismo do fígado na produção de protombina e de outras substâncias que participam da coagulação sangüínea. Estas propriedades da quinona, presentes no ipê-roxo, ajudam a explicar seu poder antiinflamatório e na dissolução de tumores. O primeiro contato que Meyer teve com o ipê-roxo foi com os índios callawaya, descendentes dos incas. O poder de cura dos callawaya, segundo disse o médico, é conhecido em todo o mundo. Eles já catalogaram cerca de mil plantas medicinais. O conhecimento sobre elas é passado de geração a geração. Durante a construção do Canal do Panamá, por exemplo, estes índios foram chamados para curar dezenas de operários vitimados pela febre amarela. Com os curandeiros da tribo, chamados de "Senhores do Saco de Remédios", Meyer aprendeu que, pelos conhecimentos indígenas, o ipê-roxo é considerado uma das principais "plantas mestras". E era indicada para uma ampla variedade de doenças, como câncer, leucemia, diabetes e reumatismo. O botânico argentino, desde então, devotou toda sua atenção aos experimentos relacionados ao ipê-roxo. Tentou levar adiante o conhecimento que obtivera ao longo de anos. Não obteve sucesso, porém. Em 1972, morreu frustrado pela falta de aceitação de seus experimentos por parte da medicina ortodoxa.

Um parente dos ipês, a Arrabideae samidoideae, também está na mira dos pesquisadores da Unesp. Patrícia Mendonça Pauletti, aluna de doutorado de Bolzani, identificou xantonas (moléculas orgânicas cuja estrutura inclui três hexágonos formados por átomos de carbono) que também são bons antioxidantes. O resultado mais interessante, embora ainda preliminar, foi a possível ação dessas substâncias contra o metabolismo do Plasmodium falciparum, o protozoário causador da malária. O parasita, que costuma atacar os glóbulos vermelhos do sangue humano, usa uma proteína para "digerir" a hemoglobina (molécula que é o pigmento vermelho do sangue) e produzir seu próprio pigmento celular.

Fonte: http://sida.home.sapo.pt/basedados/anti_sida/pau_darco__ipe_roxo.htm

Sobre a madeira do ipê roxo

Nome vulgar: IPÊ-ROXO ou IPÊ-UNA ou PAU D'ARCO

Nome Científico: *Tabebuia impetiginosa* (Mart.) Standl.

Família: Bignoniaceae

Série: Estados de São Paulo e Paraná

Ano: 1988



Procedência

O material lenhoso para os estudos tecnológicos foi obtido na região noroeste do Estado de São Paulo, município de São Joaquim da Barra e da região norte do Estado do Paraná.

Durabilidade natural

A madeira de IPÊ-ROXO ou IPÊ-UNA, tanto em ensaio de laboratório como de campo, demonstrou ser resistente ao ataque de organismos xilófagos.

Caracteres gerais

Madeira muito pesada e muito dura ao corte, cerne pardo acastanhado ou pardo-hava-claro, geralmente uniforme, às vezes com reflexos esverdeados, textura fina a média, uniforme, grã direita ou revessa, superfície pouco lustrosa e medianamente lisa ao tato; cheiro e gosto imperceptíveis. propriedades físicas

Tratamento preservante

A madeira de IPÊ-ROXA ou IPÊ-UNA, tendo os poros obstruídos por tilos e óleo-resina, em tratamento sob pressão, demonstrou ser impermeável às soluções preservantes.

Principais aplicações

A madeira de IPÊ-ROXA ou IPÊ-UNA, por ser muito pesada e de propriedades mecânicas altas, pode ser usada para acabamentos internos; artigos de esportes, como bolas de boche e boliche, cabos de ferramentas e implementos agrícolas, construções externas, como estruturas, dormentes, cruzetas, esquadrias, lambris, peças torneadas, tacos e tábuas para assoalhos, vagões, carrocerias e instrumentos musicais, degraus de escada etc.

Fonte: <http://www.aguademeninos.com.br/Madeiraira/Madeiras/iperexo.html>